VALENTIM F. BOUÇAS

O CAFÉ

ENTREVISTA CONCEDIDA, EM 26 DE NOVEMBRO DE 1944, À IMPRENSA DIÁRIA DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO — "ESTADO DE S. PAULO", "CORREIO PAULISTANO", "A GAZETA", "FOLHA DA MANHÃ", "DIÁRIO DE S. PAULO", "A NOITE" E OUTROS.

RIO DE JANEIRO
BRASIL ☆ 1945

Em fins de 1944, viajando pelo interior de S. Paulo, tive a oportunidade de visitar numerosas cidades bandeirantes, entre as quais Marilia — lídima expressão da capacidade realizadora dos paulistas. Fiquei, então, profundamente impressionado com o espetaculo que me fôra dado contemplar, vislumbrando desde logo, como homem prático, toda a significação da crise caféeira reinante na região. Mais do que uma dificuldade transitória, era toda uma crise estrutural a exhibir-se na economia do café. E tão grave e generalizada, que me fez temer sérias repercussões no conjunto da economia nacional, caso não fossem adotadas, sem dêmora, aquelas medidas que o bom senso estava a indicar como as únicas capazes de corrigir a situação.

De regresso ao Rio, permaneci na capital paulista um par de dias. Sabedora a imprensa local da minha presença, quís conhecer os meus pontos de vista sôbre o problema caféeiro de tão profunda significação na vida do Estado. Neste sentido, jornalistas amigos, a quem sou devedor de inumeras deferencias, procuraram-me para colher impressões. Julguei do meu dever atendê-los, e a palestra que mantivemos, num almoço intimo, deu origem á entrevista aparecida nos jornais de S. Paulo, em 26 de novembro último.

Os objetivos das minhas declarações ressaltam da sua simples leitura. Quís, apenas, alertar e sugerir. Limitei-me, na verdade, a relatar uma situação que conhecera pessoalmente e que me impressionara, fóra de qualquer tendencia pessimista. De fato, nada do que anunciei aos jornalistas era novo ou ignorado. Outros antēs de mim já o tinham feito.

Estou certo, portanto, que a repercussão das minhas palavras deveu-se, acima de tudo, á receptividade da opinião para o problema. Por outro lado, a liguagem franca que usei há de ter contribuido para o mesmo fim. Na verdade, mal me pēreceria usar palavras menos realisticas em face de situação de tamanha gravidade. Falei, portanto, com a franqueza do homem pratico que reconhece indispensável apontar toda a extēnsão do desajustamento, afim de encontrar as soluções capazes de corrigí-lo, sem demora e em proveito de todos.

Não cabe insistir, agora, nos argumentos favorávēis a uma política caféeira que ampare efetivamente o lavrador e que alcance desde a concessão de facilidades para produzir até o aumento dos preços aos niveis que compēnsem o capital e a iniciativa dos que trabalham. O assunto é precisamente o objeto da entrevista que se seguē, como igualmente as soluções que a meu ver mēlhor poderão corrigir o desequilíbrio reinante. Cabe ao leitor acompanhar a minha exposição, fiel imagem da realidade que testemunhei, e julgar por si do mérito das minhas sugestões para fazer face á situação em que nos encontramos como grandēs produtores de café.

Não posso deixar de manifestar a satisfação que me causou a repercussão da minha entrevista. Jornais de todo o Brasil, a ela se referiram com assinalado destaquē: a maioria para apoiar as minhas idéias; alguns poucos para delas discordar apenas em parte. Sem ēxagero posso, pois, falar em aprovação unanime da imprensa brasileira. Da mesma forma, chegaram-me ás mãos inúmeras mensagens de aprovação, várias das quais constam da presente publicação. Embora seja a minha gratidão ilimitada em relação a quantos — jornais, associações ou simples particulares — me honraram com sēus aplausos, devo confessar que nenhum deles me emocionou mais profundamente que o dos lavradores. Estes, melhor que ninguem, podem apreciar a sinceridade dos meus propósitos e a verdade dos meus conceitos.

Foi naquela nossa velha cidade de Santos, que na minha infância e primeira juventude, testemunhei a epopéia caféeira de que êsse porto é o símbolo. O café fez dē Santos o que é hoje, da mesma forma que alicerçou a grandeza do Brasil. Compreendo, pois, o que representa o café para o nosso país. Este fato me anima a procurar presērvar uma das vigas mestras da economia nacional. Considero grave erro permitir a decadência da cafeicultura no Brasil. Praticá-lo ou permití-lo importaria em roubar ao nosso país um elemento insubstituível do seu progresso. Para evitar que isto venha a ocorrer dei a minha contribuição. Este opusculo há que ser, portanto, considerado como um humilde ēsforço meu pela salvação do café no Brasil, semente de uma grande civilisação.

O CAFÉ

Entrevista concedida em 26 de Novembro de 1944, à imprensa diária da Capital do Estado de S. Paulo — "Estado de S. Paulo", "Correio Paulistano", "A Gazeta", "Folha da Manhã", "Diário de S. Paulo", "A Noite" e outros.

O SR. VALENTIM BOUÇAS:

Volto profundamente impressionado com o interior de São Paulo: acabo de percorrer o extenso território que vai de São Pedro até a Fazenda Cataguá, observando as regiões de Rio Claro, Araras e Mogi Guassú.

Segui, de Mogi Guassú, para Ribeirão Preto, visitando Pinhal, Pirassinunga, Palmeira, Santa Rita, São Simão e Cravinhos.

Tive oportunidade de observar detidamente o grande empreendimento desse notável e dinâmico homem da terra e do ar, que é Antonio de Moura Andrade, durante a permanência em sua fazenda Piratininga, em Pitangueiras, percorrendo, após, Sertãozinho, Pintal, Viradouro e Colina, para repousar novamente em Ribeirão Preto.

Dirigi-me, então, à Fazenda Guanabara, nas cercanias de Andradina, apreciando esse vasto lençol de terra trabalhada, que abrange Jaboticabal, Monte Alto, Fernando Prestes, Santa Adélia, Ariranha, Pindorama, Itajobí, Novo Horizonte e Salto do Avanhandava, até Ilha Sêca, um pouco acima do salto de Itapura.

Observei as ruinas das obras executadas pelo nosso Exército por ocasião da guerra do Paraguai, aproveitando a descida do Tieté.

Desejo recordar a grandiosidade da Fazenda Guanabara, em pleno sertão do nordeste, onde se compreende como o Brasil pode e deve ser cada vez maior, desde que se tenha coragem de encarar, com decisão e firmeza, o nosso interior, berço das nossas maiores riquezas e baluarte de nossa independência econômica.

Não menos grandioso é o espetáculo que a nossos olhos se desvenda, do famoso salto do Urubupungá, onde milhões de cavalos fôrça aguardam a mão condutora do homem de amanhã. Andradina, Valparaiso, Tupan e Marília são outras tantas revelações. A criação do gado, a lavoura do café, a de algodão e de inúmeros cereais, ao par das de amoreiras, dão-nos igualmente entusiasmo e confiança.

Marília, êsse extraordinário símbolo de trabalho e de organização, com apenas 17 anos, representa talvez o mais insigne exemplo do que pode o gênio bandeirante em pleno século XX.

Fundada pelo emérito batalhador paulista, que é Bento de Abreu Sampaio Vidal, Marília constitue, pelo desenvolvimento de sua lavoura e de sua indústria, impressionante demonstração de ação coletiva.

Marília deveria tornar-se um ponto obrigatório de visitas não só para estudantes, mas também objeto de análise meticulosa para todos os homens de negócios.

É costume afirmar-se que Nova York é a capital dos homens de negócios, — eu diria que Marília é a capital do moderno esforço brasileiro. Visitando-a, não sabemos que mais admirar: se os seus bem cuidados cafezais, se a sua modelar lavoura de algo-

dão, se as suas indústrias originadas da produção do próprio solo, como a do algodão e a da seda. E tudo construido em três lustros! Podemos afirmar que assim como Ouro Preto simboliza uma joia de tão caras tradições nacionais, Marília é a joia que encarna o futuro da nacionalidade. E parece que o destino reservou, de fato, algo de grandioso a este recanto do Brasil: é de Marília que nos vem o primeiro soldado brasileiro a ser condecorado nos campos de batalha da Europa!

Quero referir-me ao soldado Marcílio Luiz Pinto, que acaba de receber a medalha de prata, por ato de bravura, na frente de batalha, da Itália, — Marília grandiosa na paz, Marília orgulhosa na guerra!

Mas, outras regiões despertaram-me igualmente o interesse natural em quem deseja apreciar o labor nos campos. Vera-Cruz, Garça, Baurú, Pederneiras, Jaú, Mineiros, Dous Córregos, Torrinha e Santa Maria, destacaram-se no itinerário de volta a São Pedro. Já percorrera, antes, parte da Serra de Brotas, almoçando na Usina Jacaré, magnífica obra que se deve ao espírito realizador de Eloy Chaves. Desejaria mencionar o nome de todos os que hospitaleiramente nos acolheram, procurando dar-nos uma visão da realidade do nosso interior; receio, entretanto, que, por omissão involuntária, venha a ser injusto para com aqueles que tão amavelmente nos proporcionaram a grata oportunidade de admirar os gigantescos esforços que todos desenvolvem pelo engrandecimento do país.

Farei agora observações de ordem geral, buscando resumir o que penso sôbre ó nosso futuro, com base no aproveitamento e defesa da terra.

Inicialmente, devo dizer que é um gravissimo erro pensar que poderá haver fortunas sólidas em um país que não tenha uma robusta estrutura econômica, capaz de manter, sem o sacrifício contínuo do povo, um perfeito sístema militar defensivo. Esta guerra provou que temos necessidade de encarar os problemas da defesa nacional como os nossos antepassados o faziam outrora, bordando, durante o período colonial e o segundo Império, com mais de 177 fortalezas e fortes, não só o litoral como as nossas próprias fronteiras.

Os históricos fortes do Recife, Salvador, Rio de Janeiro e muitos outros, ao longo do Atlântico, são o testemunho desse cuidado dos nossos maiores.

O famoso forte de Gurupá, junto à foz do Xingú, é outro imponente marco da preocupação que embalou desde o berço os sentimentos patrióticos do nosso povo.

Não menos impressionante é o grande e magestoso Forte Principe da Beira, cujos enormes canhões foram para alí transportados entre as mais sérias dificuldades, num vitorioso desafio à agressividade da selva amazonica, e ainda hoje as vias de comunicação percorridas por essas peças são objeto de interessantes estudos.

Quem se der ao trabalho de assinalar, no mapa do Brasil, essa extensa rêde de defesa, melhor poderá compreender o motivo pelo qual conservamos intacto o vasto território que nos pertence desde 1500.

Convém notar, entretanto, que já naqueles tempos a exploração do solo, — a extração das madeiras, a produção do açúcar, e, mais tarde, a extração do ouro, — constituía importante fator na manutenção da nossa soberania territorial.

Com o correr dos anos e o advento do século XIX, surge uma nova riqueza: o café. Em pouco tempo êsse produto nobre torna-se Rei e com êle o Brasil tem o seu maior impulso de prosperidade. Com êle desenvolve-se uma civilização que constitue uma herança da qual nos devemos orgulhar profundamente. E' êle que proporciona e assegura a marcha progressista do país no início do presente século, garantindo-nos igualmente os elementos necessários à manutenção da mesma política de defesa nacional indispensável à nossa perpetuidade.

Remodelam-se então os nossos fortes e em 1910, em plena prosperidade nacional, baseada no café, o Brasil adquire a sua melhor esquadra, cujos navios, desfraldando o sagrado símbolo auri-verde, haveriam de, nesta como na primeira guerra mundial, assegurar, em cooperação com a marinha norte americana, a liberdade das rotas marítimas essenciais à preservação da democracia no Hemisfério.

Passando em revista as férteis regiões que outrora tanto deram ao Brasil pela contínua produtividade de seus magnificos ca-

fezais, não se póde esconder a grande mágua ante o espetáculo que se observa: o desaparecimento dessa formidável usina produtora dos lingotes do ouro-verde — a nossa lavoura cafeeira. E' doloroso recordar os tempos em que Ribeirão Preto cobria a sua famosa terra roxa com os seus 36 milhões de pés de café, hoje reduzidos a pouco mais de cinco milhões. O imenso mar de cafeeiros está sendo substituído na sua maioria pelo algodão, e com essa mudança estamos, a meu vêr, cometendo um grave êrro econômico. O café, com suas fazendas, representa a semente de onde germinaram as vidas e as cidades. O seu conjunto fórma um dos mais fortes núcleos de civilização, já que sua atividade requer uma completa cooperação entre a terra, o homem e o trabalho.

Os cafezais desempenham, na região onde repousam, não apenas aquela ação civilizadora a que acabo de me referir; êles são também o sustentáculo da terra, evitando a erosão e concorrendo para a melhor distribuição das chuvas, conservando os rios equilibrados em seus leitos e as suas águas mais límpidas. Quem quizer certificar-se do axioma, que percorra as terras onde existem cafezais e aquelas onde êles foram substituidos por outras culturas periódicas. Onde existe o café, nem sombra de erosão. Entretanto, onde a terra foi amanhada e tem de permanecer núa, durante algum tempo, surge a erosão e os rios apresentam suas águas tingidas pela terra.

Desejo abrir aqui um parêntesis para fazer, ainda que ligeiramente, uma referência aos males que nos vem causando a erosão. Estamos diante do dever imperioso de dar combate à devastação das nossas florestas. Não se justifica que continuemos a ca-

var a própria ruína, permitindo o sacrifício de imensas áreas em holocausto à indústria siderúrgica dos pequenos fornos alimentados pelo carvão vegetal. Promessas de reflorestamento são feitas continuadamente, mas a verdade é que um dia teremos de fazer o cálculo sôbre quanto ganhou o Brasil na obtenção do seu ferro gusa à custa da alarmante destruição de suas matas, atualmente mais acentuada pela falta de combustiveis que importavamos. Nem sempre, entretanto, é tarde para remediar.

O Brasil tem hoje Volta Redonda, que é, sem dúvida alguma, o alicérce da grande e verdadeira indústria siderúrgica nacional, consumindo carvão mineral. Devemos insistir, portanto, para que cesse a indústria do gusa, a menos que os consumidores do carvão vegetal possam provar que realmente praticam o reflorestamento das áreas que vêm sendo sacrificadas. Os exemplos de Minas Gerais e de São Paulo são bastante sérios e devem alertar-nos, afim de que impeçamos que outras regiões, como a do Vale do Rio Doce, no Espírito Santo, por exemplo, venham a ter a mesma sorte

Voltando às apreciações sôbre o café, desejo acentuar que combatí os preços especulativos de outrora, quando as utilidades e a mão de obra permitiam, na composição do custeio, elevados saldos aos nossos lavradores. Atualmente, porém, a situação modificou-se. O preço-ouro, que recebemos, é quasi metade daquele que então nos era pago e o custo das utilidades subiu de tal modo, que é de se ficar assombrado ante as cifras das faturas que nos foram apresentadas por lavradores que bem se poderia chamar de heróicos. Citemos algumas para ilustrar a afirmativa: (base — Zona de Jaú, preço em cruzeiros).

UTILIDADES	*1937*	*1944*	*OBS.*
Enxada nacional	9,50	20,00	Unidade
" estrangeira	12,00	80,00	"
Chapa	5,50	16,00	"
Peneira	7,00	32,00	"
Machado nacional	12,00	35,00	"
" estrangeiro	18,00	75,00	"
Pá, sem cabo	7,00	45,00	"
Lima nacional	—	5,00	"
" estrangeira	2,50	8,00	"
Alfange nacional	—	34,00	Unidade
" estrangeiro	8,00	50,00	"
Arame farpado estrangeiro	45,00	—	Rolo
" " nacional	—	400,00	"
Formicida	17,00	70,00	—
Sal	0,30	0,80	Quilo
Açúcar	80,00	144,00	Saco
Farinha de trigo	60,00	100,00	"
Algodãozinho-metro-nacional	1,00	4,00	Metro
Calçado-sapatão	18,00	45,00	Par
Riscado listado	1,10	3,80	Metro
" xadrez	1,40	5,50	"
Brim de calça	2,00	6,50	"
Flanela	2,40	8,00	"
Chita	1,50	4,00	"

UTILIDADES	*1937*	*1944*	*OBS.*
Cobertor	4,80	12,00	Unidade
Colcha	16,00	50,00	"
Custo uma carroça	700,00	3.000,00	"
Muar	500,00	1.500,00	Cabeça
Barbante oficial	9,00	30,00	Rolo

Vejamos, agora, o custeio, em período recente, de uma fazenda de 100.000 cafeeiros, na base de Cr$ 500,00 por mil pés, tomando por unidade administrativa o ano: na safra de 1943-1944, o custeio importava em Cr$ 111.818,80; na safra 1944-1945 eleva-se a Cr$ 173.100,00. O aumento principal está no tratamento dos pés de café, que elevou-se de 50% na atual safra sôbre a de 1943-1944. Os "camaradas" custam 25% mais. As diárias de Cr$ 3,00 passaram para Cr$ 8,00. Os demais itens, com poucas exceções, sobiram na mesma proporção. O aumento verificou-se também nos impostos, que da média de Cr$ 1.500,00 passou para Cr$ 2.200,00.

Em resumo: enquanto as utilidades multiplicam seus preços e diminuem sua prestabilidade, enquanto permanecem taxas e sacrifícios dispensáveis, enquanto sobe a mão de obra, o preço do produto conservou-se fiel aos compromissos assumidos, isto é, sujeito ao *ceilling price*!

Tenho acompanhado de perto os enormes esforços do nosso govêrno para defender o café; e posso garantir que se há algum produto, ao qual o Sr. Presidente Getúlio Vargas mais dedique a sua atenção, êsse produto é o café. Infelizmente, quando se trata de assuntos que estão ligados a interêsse de ordem internacional, temos de conduzí-los muitas vezes por estradas que nem sempre correspondem integralmente à nossa vontade. Por outro lado, temos de observar e de levar em conta, tudo o que diz respeito aos interesses nacionais em seu conjunto, e não apenas atendendo exclusivamente a um determinado setor. O mundo deve ser conduzido para o bem estar do homem, nos quadros do bem coletivo, e não subordinando os direitos e o bem da coletividade ao interêsse puramente individualista.

Mas acordos e preços, subordinam-se evidentemente a determinadas épocas e a determinadas condições que possam imperar eventualmente.

Não desejo discutir mais o passado. Todos os bons ou máus resultados devem ser vistos como lições de alto valor, pelo preço elevado que por elas já tenhamos pago. Dentro dêsse ponto de vista, parece, entretanto, oportuno sugerir uma solução urgente, que se nos apresenta como recomendável para o café e que se resume nos itens abaixo:

1 — Resgate do empréstimo Coffee Realization Loan, de cerca de US$ 33.000.000 — Pagamos atualmente 3 ½% — de juros por ano e, por outro lado, dispomos de saldos no exterior sôbre os quais não recebemos juros;

2 — Venda dos estoques do D.N.C., aplicando-se àquele resgate parte do resultado dessa venda,

3 — Eliminação das taxas ou outras sobrecargas que pesam sôbre o café, como, por exemplo, o impôsto de exportação;

4 — Remodelação do D.N.C., transformando-o em órgão orientador da produção nacional;

5 — Restituição à lavoura, — na base de Cr$ 1,00, por pé de café em produção rigorosamente apurada, — do saldo mencionado pelo Sr. Ministro da Fazenda, por determinação expressa do Sr. Presidente da República, acrescido do que for obtido como resultado da venda dos estoques do D.N.C. e do resgate do empréstimo de 1930 (Coffee Realization);

6 — Fomento à imigração;

7 — Fiscalização técnica e econômica da produção das utilidades necessárias à lavoura com a proibição das vendas julgadas anti-econômicas;

9 — Acordo com os Estados Unidos da América para melhoria dos preços-ouro;

Na devolução dos saldos apurados pelo D.N.C. poderiam ser tomados por base os créditos estabelecidos por safra, — obedecido o rítmo do custeio, — para cada lavrador e por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, cuja organização é reputada excelente e muito eficiente.

O fomento à imigração é ponto básico e urgente. Ela constituiu no passado, pelo seu processamento normal e regular, o que se poderia comparar a uma corrente de água ininterruptamente dirigida para a reprêsa de onde se faz o abastecimento sistemático para o consumo. Com a paralização operada sentimos hoje que a reprêsa se exgota, gerando sobresaltos.

As correntes imigratórias que se encaminhavam à lavoura, com o tempo, forneciam naturalmente aos centros urbanos a mão de obra de que estes careciam, proporcionando acentuados benefícios à nossa expansão econômica nos mais variados setores e regiões. A constante vinda de imigrantes permitia a substituição regular dos que deixavam o interior. Também poderiamos comparar êsses movimentos aos de um imenso exército em marcha que conservasse as suas linhas de comunicação com a retaguarda, a qual contínua a produzir para o abastecimento dos que se encontram nas linhas de frente. No momento a situação é diferente e grave, pois com a falta de importações, em virtude da guerra, verificou-se um formidavel surto na indústria que, no afã de obter mão de obra para os seus mistéres, incentivou a procura das cidades, ocasionando o abandono dos campos.

Em resumo: cresceram as populações urbanas, cresceram os consumidores dos produtos dos campos e diminuiu o número daqueles que produziam na lavoura. Existe maior demanda de gêneros nas cidades como consequência do aumento dos consumidores, e existe inegavelmente decréscimo na produção agrícola. Como resultado os preços sofrem os efeitos das leis normais da econômia.

O Govêrno, no louvavel propósito de corrigir essas anomalias, buscou, através de várias medidas, controlar os preços dos gêneros, mas infelizmente nem sempre a boa vontade e a pronta ação dos governos se póde impor ao domínio das leis naturais. Há necessidade de um entrosamento perfeito entre os vários setores de atividade no país, visando eliminar, sempre que possível, os fatores determinantes de situações como aqui a analisamos.

Com relação à melhoria dos preços do café, não posso deixar de lastimar profundamente a resolução americana. Conheço bem aquele formidavel povo amigo e seus governantes, e, por isso mesmo, causam-me extranhesa os telegramas que os jornais nos transmitiram. O café é, para o povo americano, muito mais do que para nós. Tive ocasião de, percorrendo várias regiões dos Estados Unidos, verificar o abalo sofrido pela população nos dias de racionamento do café. Este produto é um grande e democratico companheiro, que tanto se faz notar sôbre a mesa mais rica, como na mais modesta caixa de marmita do humilde operário. E essa necessidade imperiosa se transmite hoje, a todos os recantos do globo, onde quer que esteja um soldado americano oferecendo a sua vida em defesa da liberdade. Ninguem desconhece que nos momentos mais cruentos das batalhas, quando o servir regular das refeições se torna irregular ou impossivel, é o café que tempera a sanduiche que os homens recebem por alimento. Por isso mesmo, os jornais americanos (*New York Times*, entre outros) manifestaram-se profundamente gratos ao nosso Presidente pelo régio presente de 400.000 sacas, ao valoroso exército daquele país aliado.

Estou certo de que o Govêrno e o povo dos Estados Unidos, que já pagaram preços mais elevados, pelo nosso café, noutras épocas, em que podiamos adquirir por muito menos as utilidades e em que podiamos custear as fazendas por muito menos, não teriam dúvidas em considerar como ponto de reconhecimento político-econômico, um aumento imediato no preço do café.

É preciso ter percorrido as fazendas, como eu o fiz; é preciso verificar o que foram as nossas fazendas. É preciso observar e meditar sôbre as consequências econômicas que se aproximam, muito mais rapidamente do que julgamos, para nos tornarmos aliados dessa nobre e brava gente da lavoura do café.

O café representa, em seu conjunto, um baluarte da democracia e da civilização. A sua defesa é hoje um imperativo nacional e continental; não é um favor, que se procura obter. O que se busca, é a manutenção de uma política de justiça.

O nosso govêrno, pelas mãos firmes de seu Chefe e de seu ilustre Ministro da Fazenda, comprometeu-se em que não faltaria o café para as necessidades normais americanas, até o fim do ano. Mas, pelo fato do café ser entregue pelo D.N.C., não se póde deixar de lado o seu preço. Êle, como disse o Sr. Presidente da República, pela voz autorizada de seu Ministro da Fazenda, pertence à própria lavoura.

O preço que deve ser observado nos Estados Unidos, não é o preço baseado na conversão da nossa moeda interna. A alegação de que no mercado interno o preço alcança atualmente um nível como jamais alcançou, não procede. O que deveriamos fazer compreender aos nosso amigos americanos, é o seu valor ouro, o que

êles nos pagaram no passado e o que pagam hoje; quanto nos custava o custeio de uma fazenda então, e quanto ela nos custa hoje. O povo americano, prático e justo, não deixará de concordar com a melhoria dos preços ouro. Causará menos abalo um aumento de preço do que o racionamento do produto e as consequências que seriam más no presente, tornar-se-iam talvez alarmantes para o futuro, no terreno político-econômico, entre nossos países.

Contraria-me ter de alongar tanto estes meus conceitos, mas estou certo de que não haverá nenhum brasileiro que não esteja capacitado de que é necessário salvar a grande riqueza que é o café. Êle foi o alicerce dêste notável monumento que é o Brasil de hoje. O café representa a raiz do possante jequitibá com que costumamos figurar a nossa resistência econômica. Deixando que sucumba por falta de auxílio eficaz e imediato, estariamos assistindo, impassíveis, à destruição lentamente processada nas raízes do jequitibá, a cuja sombra nos abrigamos. Salvemos o café. Êle comporta todos os sacrifícios. Êle foi, no passado, a nossa grandeza. No presente, e no futuro, ainda será a apólice de seguro da nossa prosperidade.

O café é bem o emblema do mercado interno. Sómente com um mercado interno, forte e desenvolvido, póde o Brasil ser uma grande potência. Os Estados Unidos são disso um grande exemplo: 91% da sua produção é consumida no mercado interno e apenas 9% constituiem sua exportação. O café é, entre os demais produtos da nossa lavoura e da nossa pecuária, o que corresponde às águas que se encaminham para as reprêsas geradoras de energia elétrica, fazendo mover suas turbinas. Os centros industriais

representam aquelas turbinas. Se, entretanto, uma grande sêca sobrevier não haverá água para movimenta-la. O nosso grande receio diante do que acabamos de constatar é que os responsáveis pelas turbinas, julguem que os mananciais donde recebem o elemento para sua propulsão, sejam inesgotaveis. Nessa imperdoável suposição, deixariam de buscar no aperfeiçoamento técnico e na coragem da concorrência sadia, o produto melhor e mais barato A volúpia de uma era que está prestes a findar, tem cegado, da maneira mais triste, os seus maiores responsáveis. A lista dos preços, a que acabo de me referir, é disso uma demonstração insofismavel. Quem disso quizer ter a prova vá ao interior, deixe a comodidade dos cassinos ou dos clubs das metrópoles. Verá o nosso caboclo dizer que um instrumento agrícola importado custando três vezes mais, fica-lhe mais barato do que o nacional...

Para combater essa volúpia das alturas, que tudo desorganiza, fazendo esquecer até o aperfeiçoamento técnico e as suas consequências econômico-sociais, deveriamos buscar o exemplo dos Estados Unidos: Nação preparada para a prosperidade e o confôrto da paz, com base em uma indústria sólida e numa lavoura pujante, ambas racionalizadas, pôde oferecer êsse magnífico espetáculo, colocando ràpidamente em pé de guerra, cêrca de dez milhões de soldados, equipados com os mais modernos instrumentos de guerra. Seus laboratórios, onde se examinavam e se examinam, nos mínimos detalhes, a peça menos valiosa de qualquer aparelho ou máquina, e a sua alta técnica tornaram ainda mais forte uma nação que já era forte.

Produzir unicamente pela vaidade de produzir, sem método nem eficiência, não é engrandecer o país, mas escravisar o seu povo, diminuindo-lhe o poder aquisitivo de sua moeda. De nada servirão os altos salários, porque êles serão insuficientes para cobrir o preço de utilidades produzidas em condições anti-econômicas e de pouca durabilidade. Que o diga o nosso caboclo, quando tem de cavar a terra para plantar o seu feijão ou a sua batata...

Sou por uma grande indústria nacional, e, mais ainda, partidário de que o país lhe preste auxílio substancial e direto, mas nunca para que a sua produção seja custeada por preços elevados, pagos com o sacrifício do consumidor e à custa de favores disfarçados que redundam fatalmente na perda do estímulo para que o industrial produza melhor; na limitação da circulação da riqueza; no enfraquecimento do poder aquisitivo da moeda, anulando os esforços do Govêrno na sua faina de obter melhores salários para o trabalhador; no maior embaraço a uma melhor distribuição da riqueza, porque permite a um grupo limitado acumular mais em detrimento da coletividade.

A confirmação do que assevero está em que todos os esforços para elevar os salários têm sido anulados pelas constantes altas dos gêneros de primeira necessidade, do vestuário, do calçado, etc.

Nunca, entretanto, o Brasil teve diante de si melhor oportunidade para promover a defesa de seus interesses econômicos, quer internamente, quer externamente. Ninguém, por certo, se esqueceu do cáos que representava a nossa pesada dívida externa,

abrangendo os compromissos da União, dos Estados e dos Municípios.

Em 1930, herdava o govêrno um débito externo num total superior a 267 milhões de libras esterlinas. O serviço anual exigia mais de 23 milhões de libras, ou sejam quase 100 milhões de dolares. E esses compromissos representavam para a Nação Brasileira, as mesmas algêmas que representa para um particular, um serviço de prestações mensais superiores às suas forças. Era a perda da nossa independência, que nos sujeitava muitas vezes a tragar a taça de fél dos acordos internacionais que tantas vezes feria os nossos interesses econômicos. Indiscutivelmente, o Presidente Getúlio Vargas deu a êsse problema o melhor dos seus esforços. Meses após meses, anos após anos, lutando com tôda a sorte de dificuldades, onde se entrechocavam os mais profundos interesses da finança internacional, o Brasil, metodica e pacientemente consegue fazer uma verdadeira devassa em todos os contratos, analizando contas de banqueiros, investigando os termos contratuais, fazendo recolher aos cofres do Tesouro as importâncias direta ou indiretamente desviadas em mãos de terceiros.

Ainda é cedo para que se possa conhecer dessa memorável obra de saneamento financeiro, porque a sua reação e as suas consequências sòmente poderão ser analizadas com o tempo.

A verdade é que o esquema Oswaldo Aranha, e, mais tarde, o esquema Souza Costa, foram os degráus que permitiram alcançar o patamar definitivo para obter as conclusões com a Inglaterra e os Estados Unidos a 23 de novembro do ano passado. Com êsse acôrdo final definida ficou a nossa política dos empréstimos, iniciada em 1824, e que, através de mais de um século, havia cres-

cido como uma bola de neve. Poderiamos mesmo dizer: Se a 7 de setembro de 1822 obtivemos a nossa independência política, a verdade é que automaticamente nessa mesma data amarramo-nos à finança internacional!

Com a revisão definitiva dos nosso compromissos, os serviços da nossa dívida não vão hoje além de 33 milhões de dólares, ou seja justamente um terço dos compromissos anuais que sobrecarregavam os nossos orçamentos em 1939. E, também, pela primeira vez, após 120 anos, o Brasil vê decrescer a sua dívida externa.

Habilitou-se, portanto, o Sr. Presidente da República, a poder discutir, com mais liberdade, os nossos interesses econômicos, quando êles estejam de alguma forma entrelaçados com os interesses de outros países. Tem hoje o Brasil a oportunidade de falar de coração aberto e de cabeça erguida a outros países e muito particularmente ao nosso grande aliado americano para obter ocordos sôbre: a) preços do café; b) algodão; c) sêda natural; d) borracha natural.

Não devemos jamais perder de vista a memorável reunião dos Ministros das Relações Exteriores, realizada, na Capital da República, naqueles tão sombrios dias de janeiro de 1942.

A par de compromissos de ordem política, não menos importantes foram as resoluções tomadas no setor econômico com a finalidade de impedir que desiquilíbrios causados na produção dos países americanos, viessem a acarretar dificuldades internas, que indubitavelmente causariam reflexos em todo o Hemisfério. Quanto mais folhearmos aquele admirável pacto das nações livres da América, mais nos convenceremos de que êle representa uma

verdadeira Bíblia para encaminhar e iluminar as mais importantes soluções a serem tomadas no período que agora surge com o após-guerra.

Convém recordar que os milhões de dólares enviados anualmente pelos Estados Unidos ao Japão, na compra de sêda natural; que os milhões de dólares anualmente obtidos pelo Japão através da expansão da sua exportação de tecidos e que os milhões de toneladas de ferro velho cedidos cada ano pelos Estados Unidos àquele país asiático, por preços irrisórios, que tudo isso, apenas consistiu numa política que serviu para abastecer e robustecer um inimigo feroz, cuja máscara tombou por terra ante o mundo civilizado, com o crime de Pearl-Harbor, a 7 de dezembro de 1941. Entretanto, um pouco mais ao sul, no mesmo Hemisfério, vários outros povos chamados irmãos viviam não raro uma vida obscura, pleiteando a adoção de uma política de expansão econômica que lhes permitisse, em ambiente fraternal e pacífico, uma situação de prosperidade real e efetiva.

O Brasil produzia borracha, mas os industriais nossos amigos e hoje aliados, preferiram empregar seus capitais na Ásia, alí se abastecendo dessa importante matéria prima. E assim perdemos a nossa posição nos mercados mundiais até descermos à casa de 1%, quando haviamos figurado nas estatísticas de exportação, da goma elástica, com mais de 90%.

É inegável que tivemos a nossa parcela de culpa nesse desastre que a guerra comprovou não haver atingido sòmente o Brasil. Devemos, pois, ter sempre presente um exemplo, que é dos nossos dias, e que deve nortear os entendimentos entre o nosso

país e os Estados Unidos, fazendo-os compreender que os nossos interesses econômicos acham-se intimamente entrelaçados e envolvem, em consequência, os interesses de todo o Continente Americano.

Desde 1942, vem o Brasil cumprindo religiosamente as obrigações que assumiu na cooperação com os seus aliados e em defesa da sua própria soberania. Sem contar com os formidáveis recursos que fizeram a prosperidade do Japão, o nosso país construiu, em colaboração com as fôrças armadas norte-americanas, as bases navais e aéreas que se transformaram no "trampolim da vitória". Preparou, ainda, na medida dos seus recursos econômicos, o seu Exército, a sua Armada e as suas Fôças Aéreas, que agora lutam, derramando o nobre sangue brasileiro, pela preservação da liberdade e da dignidade humanas, de que tanto se orgulham os povos civilizados. Pela primeira vez, a história regista os feitos dos filhos de um povo latino-americano em solo europeu, marcando com o sacrifício de suas vidas a conquista de uma nova era, que beneficiará êsse novo mundo que há-de surgir com o advento da paz.

Ao Brasil assiste, pois, o direito não de solicitar ou de pedir, mas de cordialmente promover a discussão dos problemas em cuja solução os nosssos aliados são tão interessados quanto nós. Não podemos nem devemos esperar o dia de amanhã. A exemplo do que se tem feito em várias conferências internacionais, como Bretton Woods, Dunbarton Oaks, Hot Springs, etc., realizadas antes mesmo que os nossos exércitos alcancem a vitória final, impõe-se, a nós brasileiros, o estudo imediato de questões que são vitais para

a economia nacional, mas que pela sua natureza sòmente poderão ser resolvidas mediante entendimentos com os nossos aliados.

O Brasil tem direitos adquiridos e sacrifícios duramente suportados. A falta alarmante de transportes e muitas outras deficiências que enfrentamos, são consequência de compromissos assumidos e fielmente respeitados. Cabe, pois, insistir: sobram-nos razões para promover, desde logo, negociações que nos habilitem a encontrar solução para os nossos problemas econômicos.

Não poderia terminar sem render homenagens ao ilustre Interventor Federal, Dr. Fernando Costa, e ao seu não menos ilustre Secretário da Agricultura, Dr. Melo Morais, em face das medidas adotadas no sentido de amparar a lavoura, promovendo o reflorestamento, o sombreamento dos cafezais e o combate à erosão, e reafirmando, dêsse modo, o seu devotamento ao país pelo carinho demonstrado no exercício dos altos cargos que desempenham, para o que não lhes há-de faltar, por certo, o mais decidido apoio do Govêrno Federal.

REPERCUSSÃO NA IMPRENSA

Toda a imprensa de S. Paulo, da Capital e do interior do Estado, comentou, durante muitos dias, a entrevista. São de alguns dos órgãos dessa imprensa, sem dúvida a mais interessada no debate do problema do café, os artigos ou excertos de artigos que reproduzimos.

OS BRASILEIROS DEVEM ESTAR VIGILANTES

Os brasileiros devem estar vigilantes e atentos contra os movimentos que sob diversos pretextos procurarem eternizar situações excepcionais no campo da economia e do trabalho. Haja vista, por exemplo, a tendencia já bem delineada de se manter em nosso meio, sob diversas formas, algumas atividades industriais surgidas unicamente porque não havia como se importar determinados artigos dos antigos centros fornecedores. Defendidas por essa fronteira elevada, tais atividades pulularam, vendendo o que fabricavam, como muito bem lhes convinha, obrigando assim os que dependiam desses artigos a situações extremamente penosas. Em tempo de guerra, quando não é possível comprar no exterior o que falta no país, ainda se poderia admitir a justificativa dos preços exagerados, se bem que eles tenham gerado, por fenomeno bem conhecido, tendencias identicas em quase todas as demais atividades manufatureiras. Nesse regime de artificialismo, é claro não pensaram ou não puderam os detentores de tais atividades melhorar a sua produção, a ponto de competir mais tarde, com a baixa inevitavel dos preços, com os similares de outros paises antes aqui importados liberalmente. Não fizeram isso e em lugar de admitirem que se deve voltar ao regime anterior, já pensam em cercar as suas atividades de novas defesas, cuja incidencia onerosa recairá sempre sobre o povo brasileiro. Devem permanecer no país as industrias legitimas, as que podem competir com algumas e moderadas pautas aduaneiras, com o similar de fora, as que são tradicio-

nais em nosso meio, as consideradas vitais à nossa propria existencia, afastando perigos de escassez inesperada de suprimento. As demais atividades, se existentes, para viverem, deverão demonstrar que são dignas de sua implantação no meio brasileiro, aperfeiçoando a qualidade e reduzindo os preços. Se em lugar disso procurarem manter em cotações exageradas o artificialismo dos dias de guerra, sob justificativas infantis, mas manhosamente empregadas, como a dispensa de operarios em massa, estão se colocando contra os interesses fundamentais do país e precisam ser tratadas não como colaboradoras do progresso, mas como tropeços no caminho de nossa evolução normal.

Essas considerações vêem a proposito da esplendida exposição feita ha dias pelo Sr. Valentim Bouças, economista e financista de renome nacional e internacional, da qual destacamos o seguinte trecho:

"— Para combater esta volupia das alturas que tudo desorganiza fazendo esquecer até o aperfeiçoamento técnico e as suas consequencias economico-sociais, deveriamos buscar o exemplo dos Estados Unidos: Nação preparada para a prosperidade e o conforto da paz, com base em uma indústria solida e numa lavoura pujante, ambas racionalizadas, pôde oferecer esse magnifico espetaculo colocando rapidamente em pé de guerra cerca de dez milhões de soldados, equipados com os mais modernos instrumentos de guerra. Seus laboratorios, onde se examinava e se examina nos minimos detalhes a peça menos valiosa de qualquer aparelho ou máquina e a sua alta técnica, tornaram ainda mais forte uma nação que já era forte. Produzir unicamente pela vontade de produzir, sem metodo nem eficiencia, não é engrandecer o país, mas escravizar o seu povo, diminuindo-lhe o poder aquisitivo de sua moeda. De nada servirão os altos salarios, porque eles serão insuficientes para cobrir o preço de utilidades produzidas em condições anti-economicas e de pouca durabilidade. Que o diga o nosso caboclo, quando tem de cavar a terra para plantar o seu feijão ou a sua batata... Sou por uma grande industria nacional e, mais ainda, partidario de que o país lhe preste auxilio substancial e direto, mas nunca para que a sua produção seja custeada por preços elevados, pagos com o sacrifício do consumidor e à custa de favores disfarçados que redundam fatalmente na perda do estimulo para que o industrial produza melhor; na limitação da circulação da

riqueza; no enfraquecimento do poder aquisitivo da moeda, anulando os esforços do governo na sua faina de obter melhores salarios para o trabalhador; no maior embaraço a uma melhor distribuição da riqueza, porque permite a um grupo limitado acumular mais em detrimento da coletividade".

O povo brasileiro, que tem pago seu quinhão de sacrifícios durante a guerra, precisará estar atento para não ficar amarrado eternamente a esses interesses.

"O Estado de São Paulo" — São Paulo, 29-11-944

VEIO, VIU E DISSE

Os cafeicultores podem ser tachados de suspeitos, no seu clamor por melhores preços de café, embora a ruina dos cafezais seja visivel até aos piores cegos. A mesma suspeição poderá recair sôbre todos os que em São Paulo debatem o assunto, na maliciosa suposição de que os paulistas estão querendo locupletar-se, com "preços de guerra", à custa dos nossos amigos e aliados.

Temos agora, porém, a palavra do sr. Valentim Bouças, presidente da Comissão Executiva dos Acordos de Washington, presidente da Comissão de Fomento Interamericano, secretário do Conselho Técnico de Economia e Finanças, secretário da Comissão Nacional de Planejamento e diretor do "Observador Econômico e Financeiro". Veio, viu e disse. O estado agônico dos cafezais, sua substituição violenta por outras culturas, o êxodo da roça, a miséria rural, não os conheceu por informações, mas com os próprios olhos. Assim a alta geral das utilidades que a lavoura é forçada a adquirir, com a correspondente alta do custo de produção, como fenômeno reflexo e inevitável. Tudo tal qual descrevemos, sem lograr crédito na Capital Federal, cujas vistas, barradas pelas serranias circundantes, não alcançam a tragédia do Planalto.

O sr. Valentim Bouças, impressionado, não com o que lhe contaram, mas com o que viu, traçou um programa de defesa da cafeicultura que nos merece integral apoio:

"1º — Resgate do empréstimo Coffee Realization Loan, de cêrca de US$... 33.000.000 — Pagamos atualmente 3½ % de juros por ano e, por outro lado, dispomos de saldos no exterior sôbre os quais não recebemos juros;

2º — Venda dos estoques do D.N.C., aplicando-se àquele resgate parte do resultado dessa venda;

3º — Eliminação das taxas ou outras sobrecargas que pesam sôbre o café, como, por exemplo, o impôsto de exportação;

4º — Remodelação do D.N.C., transformando-o em órgão orientador da produção racional;

5º — Restituição, à lavoura — na base de Cr$ 1,00, por pé de café em produção rigorosamente apurada — como resultado da venda dos estoques do D.N.C. e do resgate do empréstimo de 1930 (Coffee Realization);

6º — Fomento à imigração;

7º — Fiscalização técnica e econômica da produção das utilidades necessárias à lavoura, com a proibição da venda das julgadas antieconômicas;

8º — Adoção de métodos racionais na produção, incluindo o emprêgo de adubos;

9º — Acôrdo com os Estados Unidos da América para melhoria dos preços-ouro".

Não é preciso justificar cada um dêsses itens. Lê-los é aceitá-los. A' exceção do sr. Jayme Guedes, que não defende a lavoura, defende o D.N.C., o programa Bouças será adotado por todos quantos, na alta administração federal, se dêem ao trabalho de examinar a matéria com inteligência, sabedoria e patriotismo. Sobretudo se, além do estudo, quiserem ter o trabalho de contemplar diretamente o panorama de devastações e morte que são os cafezais paulistas, que as sêcas, as geadas e a política cafeeira estão transformando em "terras de ninguém".

O D.N.C. é a linha "Maginot", construida para a defesa do café e hoje o maior obstáculo à sua libertação. Extinto ou remodelado, passando a órgão de fomento à produção, não de destruição dos cafezais, iniciaremos a marcha para a vitória. Resgate-se o empréstimo externo, eliminem-se as taxas onerosas, restitua-se à lavoura o seu dinheiro, celebre-se novo acôrdo de preços com Washington. O mais virá por si. Os salários se elevarão, atraindo braços. A restauração da lavoura far-se-á pelo emprêgo de melhores processos. São Pau-

lo restabelecerá na antiga grandeza a economia cafeeira. E o Brasil voltará a contar com o seu ouro, o ouro verde, o que realmente circula no nosso comércio internacional, para a aquisição de matérias primas, para a indústria de combustiveis, para os transportes de máquinas, de tôdas as utilidades que o mundo nos pode proporcionar e de que não podemos prescindir.

Nossas palavras serão suspeitas. Não atirarão essa pecha, porém, às do sr. Valentim Bouças. E por isso em São Paulo renascem esperanças.

"Folha da Manhã" — São Paulo, 29-11-1944

SACRIFÍCIO DA TERRA

A longa palestra que, no "roof" de "A Gazeta", o sr. Valentim Bouças manteve com os jornalistas paulistas, de volta de uma longa excursão pelas zonas agricolas do Estado, contem observações de tal importância e conceitos tão cheios de realismo, que é muito dificil escolher, entre os assuntos ventilados, os mais dignos de um comentário. Aliás, é sempre autorizada a palavra de S. S. quando focaliza os nossos fenômenos econômicos; seja a importância do café como "raiz do jequitibá com que costumamos figurar a nossa resistência econômica", seja quando prevê os males que hão de vir da louca imprevidência com que se derrubam matas e se abandonam velhas culturas pelas promessas tantas vezes falazes de novas fontes de riqueza. Houve, mesmo, nas judiciosas considerações do sr. Valentim Bouças, um perfeito entrelaçamento dos dois assuntos. E é logico o raciocinio que faz repousar sôbre a cultura dos cafezais, sôbre o imenso estendal de arbustos que já foi o orgulho máximo da riqueza paulista, a firmeza do solo e a própria pureza das águas, pois é evidente que as lavouras periódicas, revolvendo constantemente as entranhas da terra e exigindo o amanho do solo e a abertura de novos sulcos para as sementes, só podem apressar e agravar a erosão em regiões predispostas a essa grave enfermidade geológica. Nem pode ser relegada ao plano dos problemas insoluveis ou sem importância a erosão que vem sendo uma ameaça cada vez mais séria à lavoura paulista. *"Não se justifica que continuemos a cavar a própria ruina, permitindo o sacrifício de imensas áreas em holocausto à indústria side-*

rúrgica dos pequenos fornos alimentados pelo carvão vegetal. Promessas de reflorestamento são feitas continuadamente, mas a verdade é que um dia teremos de fazer o cálculo sôbre quanto ganhou o Brasil na obtenção do seu ferro guza à custa da alarmante destruição de suas matas, atualmente mais acentuada pela falta de combustiveis que importavamos". Vai nessas palavras do ilustre homem público um apêlo imperioso pela economia do gasogênio. Quanto à siderurgia domestica, Volta Redonda há de relegá-la, breve, ao rol das coisas obsoletas. Deus queira que, então, não seja muito tarde para remediar as tremendas consequências das derrubadas catastróficas.

"Correio da Noite" — Rio de Janeiro, 4-12-1944

A QUESTÃO DO CAFÉ

....

Continuam a ecoar profundamente no Estado e em todo o país as palavras com que o sr. Valentim Bouças retratou e discutiu o problema nacional do café. Palavras cristalinas, persuasivas, reveladoras de fatos que não podem ser contrastados, de verdades que resistem a todo e qualquer argumento que se lhes oponha, tiveram elas o mérito de mostrar aos norte-americanos que o Brasil não deve, não quer e não pode concordar em que se lhe imponha a ruina de sua principal fonte de riqueza economica. Temos revelado claramente os nossos propositos na presente guerra. Mais do que isso: o suor de nossos homens de trabalho e o sangue de nossos soldados já os oferecemos para a redenção da Europa, no mesmo esforço das nações democráticas contra o imperialismo germanico.

Queremos todavia preservar-nos de sacrificios que só mesmo por uma falsa compreensão do presente e do futuro de um povo poderiam ser-nos impostos. A entrega do café brasileiro a preços inferiores ao custo da produção, com o empobrecimento irremediavel de um potencial que representa para nós quatrocentos anos de consagração ininterrupta à cultura da terra não podemos concordar em realiza-la indefinidamente, porque essa não é uma condição de vitória para as armas aliadas mas uma descabida exigência que os proprios ideais democráticos abominam e repelem.

....

"A Noite" — São Paulo, 2-12-1944

REUNIÃO DE CAFEICULTORES EM RIBEIRÃO PRETO

SERÃO VENTILADOS NESSA OCASIÃO VÁRIOS ASSUNTOS DE INTERÊSSE IMEDIATO DA LAVOURA

RIBEIRÃO PRETO, 30 — (Da nossa sucursal — Pelo telégrafo) — Sôbre problemas relativos ao café, um grupo de fazendeiros de Ribeirão Preto enviou às "Folhas" o seguinte telegrama:

"A lavoura desta região movimenta-se para ouvir a opinião dos lavradores sôbre os assuntos constantes da entrevista dada aos jornais pelo sr. Valentim Bouças. Nessas condições, a Associação Agropecuária do Vale do Rio Pardo eouvoca hoje uma reunião prévia para o dia 2 de dezembro, a fim de se discutirem problemas de grande importância para a classe, tais como o relativo à devolução do dinheiro da veuda dos cafés, feita pelo D.N.C., seguudo declarações do ministro da Fazenda.

Para esta reuuião, virão a Ribeirão Preto diversos elementos de São Paulo, eutre êles os srs. Alberto Whately e Antonio de Queirós Telles, além de outros fazeudeiros. Os jornais já trazem a convocação desta reunião, sendo feito graude número de convites para os fazendeiros dos muuicípios vizinhos. Movimenta-se a classe para pedir ao presidente Vargas o fechamento do D.N.C.

Ademais, por grande número de lavradores, foi endereçado ao sr. Valentim Bouças o seguiute telegrama:

"Sr. Valentim Bouças. Confortadoras palavras encontramos na sua entrevista publicada nos jornais paulistanos e vazada em lingugem franca e verdadeira, em contraste, aliás, com as lamentáveis publicações feitas no relatório do presidente do D.N.C., o qual afirma ainda haver super-produção de café. A descrença e o desânimo, porém, dominam a maior parte dos lavradores, que vêem para muito breve o desaparecimento completo da lavoura cafeeira, mnito antes ainda da profecia feita pelo interventor Fernando Costa, se medidas urgentes não forem tomadas contra tantas promessas vãs. Não são mais os lavradores que se levantam para salvar êste patrimônio nacional; agora, é o Brasil que desperta, sacudido pelo terremoto que determinou o desmoronamento da coluna mestra de snas finanças, representada pelo café. São pessoas estranhas à lavoura que reconhecem o patriotismo daquele "Bando da lua" e tomando a vangnarda, com a pena e a imprensa, defendem o Brasil, como fazem na Europa nossos irmãos da Fôrça Expedicionária, de armas em punho. Unamo-nos agora para pedir ao presidente Vargas o fechamento do D.N.C., porque assim saberemos restaurar nossos cafezais. Fará ainda o café para o Brasil o que fêz para São Panlo. Saudações. (aa.) — Luiz Leite Lopes, Jorge Lobato, José Cesario Monteiro da Silva, Marcello Junqueira Santos, Joaquim Inácio da Costa, Geraldo Procopio Junqueira, Antonio Uchoa Filho, Ednardo Luiz Magri, Alceu de Paiva Arantes, Thomaz Alberto Whately, Alcino Ribeiro Meirelles e João Ferreira da Rosa".

"Folha da Manhã" — São Paulo, 1-12-1944

A COMISSÃO DE LAVOURA

REPERCUSSÃO DA ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS — QUESTÕES VENTILADAS ONTEM NA ASSOCIAÇÃO DOS LAVRADORES DE CAFÉ

Sob a presidencia do sr. Caio Simões realizou-se ontem a reunião semanal da Associação dos Lavradores de Café. Estiveram presentes numerosos associados do interior e desta capital. No expediente foram lidos telegramas, cartas e comunicações dando noticias da situação das lavouras cafeeiras.

MELHORIA DOS PREÇOS DO CAFE'

De sociedades do sul de Minas, a Associação recebeu diversas cartas de apoio integral à atitude da Comissão da Lavoura na campanha em prol da melhoria dos preços do café, financiamento e custeio de entre-safras.

"Pelas noticias dadas por nossos associados — declarou o sr. Caio Simões — mais uma vez se confirma a opinião desta sociedade de que a futura safra cafeeira de São Paulo será uma das menores dos últimos tempos. Torna-se necessária portanto uma melhoria substancial do preço para diminuir o "deficit" do custeio das fazendas do Estado de São Paulo. A lavoura deseja continuar com a sua vitalidade mas nas circunstancias atuais, com os preços vigorantes, terá por força de sossobrar, pois não é admissivel que os lavradores continuem

no amanho da terra sem que a venda do produto possa ao menos compensar o valor do custo da produção". Explicou depois que a Comissão da Lavoura continua trabalhando junto aos poderes públicos no sentido de obter medidas de amparo à cafeicultura.

Ainda a propósito do mau estado das lavouras, o sr. José Eduardo Ferreira Sobrinho, que vem de regressar da Alta Mogiana, afirmou que naquela zona as floradas desapareceram, não chegando mesmo a formar os chamados "chumbinhos" a não ser em infima proporção. Informou também, que em São Joaquim foram vendidos pequenos lotes de café a 375 cruzeiros a saca.

A ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS

Em torno da recente entrevista, dada à imprensa pelo sr. Valentim Bouças, em que focalizou minuciosamente todos os problemas que dizem respeito à lavoura de café, o sr. Caio Simões observou que "tudo quanto o ilustre financista acaba de dizer, com autoridade, a Comissão da Lavoura, a Associação dos Lavradores de Café e a Sociedade Rural Brasileira, desde 1937, já fizeram sentir aos poderes publicos, realçando a necessidade de serem aumentados os preços do nosso produto básico. Acreditamos agora, depois do sr. Valentim Bouças falar com a sua reconhecida autoridade de técnico e com a responsabilidade dos cargos que tem ocupado, que o poder publico possa levar em maior consideração e maior conta a justiça e a veracidade das afirmações que desde longa data vem fazendo os lavradores paulistas".

Com a palavra, o sr. Bueno de Azevedo propôs a inserção em ata de um voto de louvor ao Sr. Valentim Bouças, pela entrevista que concedeu aos jornais.

"Diário de São Paulo" — São Paulo, 1-12-1944

A SITUAÇÃO DO CAFÉ NA ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS

....

Ainda bem, ainda bem que homens da responsabilidade do sr. Valentim Bouças fazem côro com os reclamos e os apelos dos paulistas, e o governo federal se mostra sempre de muito boa vontade em vir ao encontro dessas aflições. Com efeito, persistirem os equivocos de substituição do café por outra cultura e larga-lo à propria sorte, o que equivale dizer à supressão definitiva, exprime, sem duvida, aquilo que o secretario da Comissão de Planejamento Economico chama, com razão, "grave erro economico". Por isso, e pelo mais que se pode aduzir no assunto, não tergiversou ele em sublinhar: "O café representa em seu conjunto um baluarte da democracia e da civilização. A sua defesa é hoje um imperativo nacional e continental; não é um favor que se procura obter. O que se busca é a manutenção de uma política de justiça". A sua defesa, acrescentamos, é a defesa do Brasil, porque encerra, queiram-no ou não, os seus adversarios, a fonte da sobrevivencia da lavoura, sem a qual coisa alguma de duradouro será embasada em nosso arcabouço financeiro economico. Para o sr. Valentim Bouças, inutil se discutir o passado. Está certo. Agora, impõe-se a execução de medidas como programa salvador do café, isto é, da agricultura brasileira.

....

"A Gazeta" — São Paulo, 29-11-1944

RUBIÁCEA...

....

O café constitui a espinha dorsal da riqueza patrícia, eis o chavão-clichê-frase feita, em todos os departamentos de atividade humana. Agora mesmo, o ilustre sr. Valentim Bouças, economista, financeiro, técnico e sabedor a fundo dessas coisas de "lastro", acaba de dizer, com a autoridade que tem para falar sobre o assunto, que urge incrementar a produção cafesistica, aquela que desde os tempos afonsinos vem sendo a pilastra mestra do obelisco, do plinto, da coluna e da viga mestra "daquilo com que se compram os melões" e outras adjacencias correlatas... como sejam chapeu, remedio, botina, água, gás, bonde, onibus, etc. etc...

....

LELIS VIEIRA (Crônica da Cidade)
"Correio Paulistano" — São Paulo, 29-10-1944

A IMPORTANTE ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS

S. PAULO, 28 — O "Correio Paulistano" publica o seguinte editorial:

Na importante entrevista que concedeu à imprensa de São Paulo, o sr. Valentim Bouças, secretário da Comissão Nacional de Planejamento, sugeriu, como solução ao problema do café, as nove medidas seguintes:

1 — Resgate do empréstimo "Coffee Realization Loan", de cerca de 33 milhões de dolares americanos — Pagamos anualmente 3 ½ % de juros, por ano, e, por outro lado, dispomos de saldos no exterior que não vencem juros;

2 — Venda dos estoques do D.N.C., aplicando-se áquele resgate parte do resultado dessa venda;

3 — Eliminação das taxas ou outras sobrecargas que pesam sôbre o nosso principal produto, como, por exemplo, o impôsto de exportação;

4 — Remodelação do D.N.C., que seria transformado em orgão orientador da produção racional;

5 — Restituição à lavoura — na base de Cr$ 1,00 por pé, em produção rigorosamente apurada, do saldo mencionado pelo Sr. Ministro da Fazenda, por determinação expressa do presidente da República, acrescido do que for obtido como resultado da venda dos estoques do D.N.C. e do resgate do emprestimo de 1930 ("Coffee Realization");

6 — Fomento à imigração;

7 — Fiscalização técnica e economica da produção das utilidades necessárias à lavoura, com a proibição da venda das julgadas anti-econômicas;

8 — Adoção de métodos racionais na produção, incluindo o emprego de adubos;

9 — Acordo com os Estados Unidos da América para melhoria dos preços-ouro.

Folgamos em verificar que, com exceção dos itens 1, 2 e 4, todos os demais correspondem a pontos de vista expostos e defendidos nestas colunas, havendo, assim, em linhas gerais, perfeita coincidencia entre o nosso pensamento e o do sr. Valentim Bouças, no que se refere aos meios de resolver os problemas de nossa maior riqueza agricola. A restituição à lavoura do produto líquido das vendas de 5 milhões de sacas, aos Estados Unidos, pelo D.N.C., na base de 1 cruzeiro por pé, aproveitando-se para esse fim o ótimo cadastro existente em nossa Superintendência dos Serviços de Café, foi uma ideia por nós aventada, com o apoio de ilustres representantes da lavoura, como o sr. Figueira de Melo e o sr. Alvaro Gomes dos Reis. A "adoção de métodos racionais na produção, incluindo o emprego de adubos", tem sido, por sua vez, objeto de incessante campanha de nossa parte. Quando se discutiu o projeto de decreto-lei sobre reflorestamento, drenagem e irrigação, fomos o unico jornal a apontar a omissão, que nele se notava, de uma clausula relativa à adubação e a pedir ao governo que destinasse também uma verba à compra de fertilizantes para a revenda a preço de custo aos fazendeiros. O sr. Fernando Costa e o sr. Melo Morais imediatamente atenderam ao nosso apelo, tendo enviado ao Conselho Administrativo do Estado uma solicitação nêsse sentido, já aprovada por esse organismo controlador. A melhoria dos preços ouro do café é outro assunto em que temos insistido — e não de hoje — por nos parecer inteiramente justa e ligítima, em face do atual custo elevado da produção.

Quanto ao fomento da imigração, essa tem sido uma das teclas em que o "Correio" mais tem batido. Só quem desconhece as consequências verdadeiramente ruinosas, para não dizermos catastróficas, que a falta de braços está acarretando, à nossa economia agraria, póde apegar-se aiuda a certos preconceitos em materia tão importante e decisiva, não só para o presente como para o fu-

turo da nacionalidade. E' com prazer que registramos a opinião do sr. Valentim Bouças a respeito dêsse problema vital para o Brasil: ela coincide em toda a linha com a nossa. O mesmo diremos quanto à "eliminação das taxas ou outras sobrecargas que pesam sobre o nosso principal produto, como, por exemplo, o impôsto de exportação".

Restam as questões do resgate do empréstimo "Coffee Realization", da venda dos estoques do D.N.C., parte da qual seria aplicada nessa operação e na transformação daquela autarquia em "orgão orientador da produção racional". Estamos perfeitamente de acordo com essas sugestões do ilustre economista: "Queremos crêr, contudo, que nem todos os cafés estocados pelo D.N.C. se acham em condições de ser levados ao mercado. Ao que nos informam e pelo que concluimos também da leitura de trabalhos de técnicos desse organismo, como o sr. Teofilo de Andrade, muitos dêsses cafés se tornaram imprestáveis, não sendo, pois, comerciaveis. De qualquer modo, porém, o resgate daquele emprestimo poderia ser feito sem maior dificuldade, destinando-se a esse fim parte dos saldos que possuimos no exterior e que não vencem juros. Esses saldos montam a mais de oitocentos milhões de dolares. Os 33 milhões necessários à operação aconselhada pelo sr. Valentim Bouças representam, portanto, menos de 5% desse total.

Ao mostrarmos a coincidência do programa traçado pelo presidente da Comissão Executiva dos Acôrdos de Washington, com os pontos de vista que aqui temos sustentado, não queremos alegar serviços à lavoura, nem muito menos reivindicar para nós o título de seu interprete exclusivo. Somos um jornal com 90 anos de existência e que, portanto, para se impôr não precisa de lançar mão desses recursos inocentes. Queremos apenas salientar a razão que nos assiste, quando fazemos ver a necessidade dos problemas relativos ao café serem estudados com seriedade, bom senso e espírito científico — tal como o fez o sr. Valentim Bouças — e não com paixão e personalismo. A longa, minuciosa e concreta exposição do sr. Valentim Bouças é um espelho em que se devem mirar os fazedores de frases sôbre o café.

"Correio da Noroeste" — Baurú (S. Paulo), 29-11-944

A ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS

Poucos abordaram nos ultimos tempos, com maior autoridade e objetividade, a solução do problema cafeeiro do que o Senhor Valeutim Bouças que, à sua grande competencia em assuntos economicos e financeiros, alia o conhecimento exato da situação dos meios rurais, depois do prolougado contacto, uos ultimos meses, com a realidade cafeeira do iuterior paulista.

Tem o Senhor Valentim Bouças autoridade para falar sobre as questões acima resumidas, não sómente porque procurou ua sua estada uo Iuterior de São Paulo, verificar de perto a situação exata da lavoura de café, como ainda porque, conheceudo os meios uorte-americauos, pode falar com segurança que poucos no uosso país seriam capazes de possuir. As sugestões lembradas pelo ilustre Diretor Executivo da Comissão dos Acordos de Washingtou, e Secretario da Comissão de Plauejamento Economico, serão certamente objeto do mais cuidadoso exame, por parte dos elementos iuteressados, a fim de ser o problema do café encaminhado com precisão e rapidez para solução satisfatoria e definitiva.

"O Estado de São Paulo" — São Paulo, 28-11-1944

ERROS DO PASSADO

Uma coisa transparece claramente das declarações prestadas à imprensa desta Capital pelo sr. Valentim Bouças. A situação em que se encontra o café tem raizes lançadas no passado, ao qual se liga por uma relação de causa e efeito. "Tenho acompanhado de perto os enormes esforço do nosso govêrno para defender o café — afirmou o presidente da Comissão de Fomento Inter-Americano e diretor da Comissão Executiva dos Acôrdos de Washington — e posso garantir que se há algum produto ao qual o presidente Getúlio Vargas mais dedique a sua atenção, êsse produto é o café".

Efetivamente, desde o início de sua administração, o chefe do Estado Nacional tudo tem empenhado no patriótico e firme propósito de amparar a lavoura cafeeira, sôbre a qual vinham pesando os mais volumosos onus contraídos no passado, durante o qual se usou e abusou dos empréstimos para dar solução imediata, pôsto que passageira, às situações criadas pela superabundância do produto e escassez das remessas, sem se atender a que o restabelecimento da posição estatística pelo aumento sempre crescente do consumo seria a única fórmula capaz de assegurar os altos interêsses da produção nacional.

O abandono dos cafezais, a que se refere o sr. Valentim Bouças, e a sua substituição sistemática pelo algodão, não resulta de outros fatores que não sejam as condições deficitárias das lavouras e a falta de colocação para o

café, a preços compensadores, motivando um apelo à malvácea e um desusado esfôrço em prol desta nova cultnra.

Presentemente, empenha-se a lavonra por obter a ruptura do teto norte-americano, orientando-se os produtores no natural intuito de compensar a escassez do produto com negócios em bases mais razoáveis. Ninguém se arrojaria a negar a procedência das suas reivindicações. Mas, esclarece-o o sr. Valentim Bouças, "quando se trata de assuntos ligados a interêsses de ordem internacional, temos de conduzí-los muitas vezes por estradas que nem sempre correspondem integralmente a nossa vontade". "Por outro lado", prossegue o presidente da Comissão do Fomento Inter-Americano, "por ontro lado, temos de observar e de levar em conta tudo o qne diz respeito aos interêsses nacionais em seu conjunto, e não apenas atendendo exclnsivamente a um determinado setor".

Seria clamorosa injnstiça não ver, em sen fundo de realidade, os fatos e pretender adulterá-los: o chefe da Nação está atento aos reclamos da lavoura, só não querendo incidir nos erros do passado.

"A Noite" — São Paulo, 28-11-1944

O Fato do Dia

A ENTREVISTA DO SR. VALENTIM BOUÇAS

A entrevista coletiva concedida, ante-ontem, pelo sr. Valentim Bouças à imprensa de São Paulo, veio confirmar, ponto por ponto, tudo quanto aqui se tem dito sôbre o problema do café, as aflições e dificuldades com que lutam os seus lavradores e a necessidade de amparar, custe o que custar, a nossa maior riqueza agrícola, sustentáculo, ainda por muito tempo, da estrutura econômica do país.

A verdade é que, intoxicados pelo ópio de um progresso industrial de emergência, fruto de circunstâncias fortuitas e passageiras e sem raízes, portanto, na realidade, largamos à sua própria sorte as nossas atividades agrárias, deixando que muitas delas perecessem e definhassem e outras se debatessem — como é o caso do café — num estado de crise crônica, prejudicial não sómente aos que delas vivem, mas a tôda a coletividade. Quem se anima a cultivar a terra e, sobretudo, a nela fixar-se, num país em que os transportes, além de escassos, são onerosos, onde o crédito barato não existe, ou é ministrado em conta-gotas e apenas de vez em quando, onde a falta de braços se constituiu um problema permanente e sem solução para o fazendeiro, onde o desnível entre os preços dos artigos industriais e os dos produtos agrícolas torna impossível a vida de quem trabalha no campo, e assim por diante?

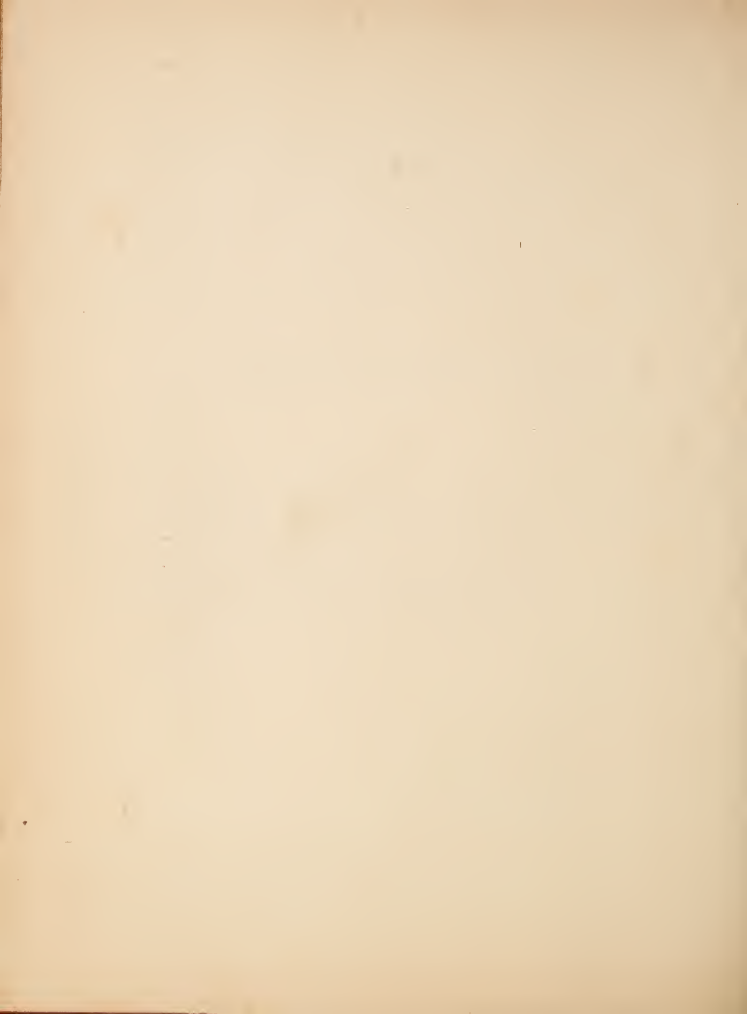
O sr. Valentim Bouças falou a linguagem da franqueza, enquanto outros procuram dourar a pílula com promessas que ficam sempre para as calendas gregas ou subtilezas de retórica destinadas a ocultar a gravidade da situação. Sua atitude, expondo claramente, sem subterfúgios, o que vai por São Paulo, justamente no mais importante setor de sua economia, só aplausos merece.

Nós, paulistas, não queremos fugir à discussão de nossos problemas, por intransigência de doutrinas ou interêsses. Queremos, pelo contrário, debatê-los com gente, como o sr. Valentim Bouças, que fale baseada, não no que ouviu dizer, mas no que viu com seus próprios olhos, e que tenha, como o presidente da Comissão de Fomento Inter-Americano, a coragem de enfrentar os fatos como os fatos são.

Da discussão nasce a luz, desde que haja de parte a parte cordialidade, lealdade, cavalheirismo e desejo sincero de acertar. Nós, por exemplo, não nos julgamos oráculos infalíveis. Longe de nós essa pretensão. Quando, porém, nos acusam de um êrro — e erros só os cometemos de boa fé, estando perfeitamente tranquilos, dêsse ponto de vista, perante Deus e a nossa consciência — queremos que nos digam, com provas e testemunhos, onde está êsse êrro, e não que se limitem simplesmente a acusar-nos de forma vaga e imprecisa. Por isso mesmo, somos partidários entusiastas de um debate amplo e liberal em tôrno de nossas questões econômicas ou políticas e nos sentimos satisfeitos, quando vemos alguém, como o sr. Valentim Bouças, de mentalidade arejada e sem preconceitos, dizendo de público e em voz alta o seu pensamento sôbre elas.

"Folha da Noite" — São Paulo, 27-11-1944

CARTAS E TELEGRAMAS

Muitas pessoas e entidades associadas à lavoura e ao comércio do café, se dirigiram ao autor da Entrevista, cumprimentando-o pelos pontos de vista e soluções nela expostas. Reproduzimos, data venia, páginas adeante, algumas dessas manifestações.

Foi endereçado ao sr. Valentim Bouças o seguinte telegrama:

"A Diretoria da Cooperativa dos Cafeicultores Paulistas apresenta a v. excia. parabens pela sua inteligente, criteriosa e honesta entrevista. Há muitos anos que se não ouvia um homem com altas responsabilidades na administração pública dizer, com tanto conhecimento, tanta precisão e tanto senso de equilíbrio, tanta verdade a respeito das realidades economicas da Nação. Oxalá possa o ilustre patrício, diagnosticando os males e indicando os remédios, conseguir despertar a atenção imediata do poder público. Cordialmente o abraçamos. (aa) — Afrodisio de Sampaio Coelho, Fernando Netto, Oscar Pinheiro Barcellos".

"Folha da Manhã" — São Paulo, 29-11-1944

Ilmo. Sr. Dr. Valentim Bouças — Esplanada Hotel — Capital.

A analise perfuntoria e franca que fez na sua brilhante entrevista conforta-nos porque convence de que há alguém em alto posto de administração que tomou contacto direto realidades economicas nossa terra. A vida de trabalho intenso e honesto do ilustre paulista autorisa-nos esperar ação eficiente. Parabens. *I. Brasil Portieri* — Gerente da Cooperativa Cafeicultores Paulistas. — Rua Oscar Freire, 1710 — São Paulo.

Ilmo. Sr. Dr. Valentim Bonças — Esplanada Hotel — Capital.

A diretoria da Cooperativa dos Cafeicnltores Paulistas apresenta a V. Excia. parabens pela sua inteligente criteriosa e honesta entrevista. Há mnitos anos qne se não onvia um homem com altas responsabilidades na administração pública dizer, com tanto conhecimento, tanta precisão e tanto senso de equilíbrio, tanta verdade a respeito das realidades economicas da Nação. Oxalá possa ilustre patrício diagnosticando os males e indicando os remédios conseguir despertar a ação imediata e eficiente do poder público. Cordialmente abraçamos — *A. Sampaio Coelho, Fernando Netto e Oscar Barcelos* — Rua João Bricola, 37 - 5º andar.

Ilmo. Sr. Dr. Valentim Bouças — Avenida Graça Aranha 182 — Rio D. F.

A Associação dos Fazendeiros da zona de Jaú vem felicitar V. Excia. calorosamente por tão notável entrevista publicada nos jornais de São Paulo a 26 do corrente convencida de que o ilustre patrício interpretou fielmente com superior visão e grande patriótismo as justas aspirações e o pensamento de todos os cafeicnltores. Esta Associação aproveita ensejo para reiterar ao grande amigo e defensor da lavoura as expressões de sua profunda gratidão. Atenciosas sandações. Pela Associação dos Fazendeiros da zona de Jaú — *Alfredo Servulo de Oliveira Romão* — Presidente.

Dr. Valentim Bouças DD. Presidente Comissão de Fomento Inter-Americano — Rua Graça Aranha, 182 - 9º andar — Rio D.F.

Diretoria da Associação Comercial de Marília que não tem ontra pretensão senão trabalhar por Marília e o Brasil sente grande prazer e honra vir presença Vossencia apresentar os mais sinceros agradecimentos pelas palavras elogiosas e de grande valor proferidas ilustre amigo entrevistas grandes jornais São Paulo respeito nossa cidade Pt Atts Sds. — *José Antonio Barbosa* — Presidente.

Dr. Valentim Bouças — Rua Graça Aranha, 182 - 9º andar — Rio D.F.

A Sociedade Amigos Marília agradece a V. Excia. referencias lisonjeiras nossa cidade proferidas notável entrevista concedida imprensa São Paulo qne repercntiu intensamente em todo Estado sendo reprodnzida toda imprensa Mariliense. Atenciosamente -- *Oswaldo Rocha Mello* — Presidente Sociedade Amigos Marília. *J. Herculano Pires* — Secretário.

Exmo. Sr. Dr. Valentim F. Bouças — Av. Graça Aranha, 182 - 9º andar

Associação Comercial de Itajubá vg tomando conhecimento momentosa entrevista concedida V. Excia. jornalistas São Paulo vg vem trazer-lhe calorosas felicitações pela precisão e facilidade com que esse notável docnmento focalisa realidade brasileira e aponta caminho solução nossas dolorosas dificuldades sds ats —*Luiz L. Viana* — Presidente.

Dr. Valentim Bouças — Hotel Esplanada Praça Ramos Azevedo — S. Panlo

Li com a maior emoção entrevista ilnstre amigo sobre questão cafeeira hoje publicada imprensa na qnal com tanta justiça defende o direito dos produtores a um melhor preço pelo seu artigo que revertera afinal em benefício para nosso País de cuja riqueza e progresso constituem elementos preponderantes ponto sna manifesação acerca dos varios problemas da atnalidade abordados nessa entrevista com nma grande superioridade de idéas conhecimento perfeito dos fatos constitue também completa demonstração do seu alto espírito de brasilidade qne repercntirá intensamente em todo nosso interior agrícola honrando-me em ser atento admirador e amigo agradeço como lavrador o inestimavel apoio que prestou a nossa jnsta causa. Cordeais sandações -- *Luiz Figueira de Mello.*